



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE ARAGUAÍNA – TO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

**SÂMARA DA COSTA SANDES ROCHA**

**O ESPAÇO DO ENSINO DA LITERATURA NO SÉCULO XXI  
UMA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO**

ARAGUAÍNA/TO

2019

**SÂMARA DA COSTA SANDES ROCHA**

**O ESPAÇO DO ENSINO DA LITERATURA NO SÉCULO XXI:  
UMA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras para obtenção do título de Licenciado em Letras e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador<a>: Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus

ARAGUAÍNA/TO  
2019

<https://sistemas.uft.edu.br/ficha/>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- R672e Rocha, Sâmara da Costa Sandes.  
O Espaço do Ensino da Literatura no Século XXI : Uma Perspectiva do Letramento Literário . / Sâmara da Costa Sandes Rocha . – Araguaína, TO, 2019.  
37 f.  
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português, 2019.  
Orientador: Andrea Martins Lameirão Mateus  
1. Letramento Literário . 2. Ensino de Literatura . 3. Formação do Professor . 4. Formar Leitores . I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

# FOLHA DE APROVAÇÃO

SÂMARA DA COSTA SANDES ROCHA

## O LUGAR DO ENSINO DA LITERATURA NA SALA DE AULA NO SÉCULO XXI: UMA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína, Curso de Letras para obtenção do título de Licenciado em Letras Português e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Andrea Martins Lameirão Mateus, UFT

---

Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, UFT

---

Profa. Dra. Maria Eleuda de Carvalho, UFT

---

Profa. Dra. Valéria da Silva Medeiros, UFT

Araguaína, 2019

*Dedico este trabalho a minha família, em especial ao meu querido pai que não está mais entre nós, mas que sonhava junto comigo a realização dessa fase da minha vida. Também dedico às minhas orientadoras, que tornaram possível a conclusão desse trabalho.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao fim deste trabalho, que representa também o fim de uma caminhada de quatro anos, o sentimento que tenho é de muita gratidão.

Gratidão a Deus por me proporcionar esta oportunidade de crescimento na minha vida, gratidão aos meus professores, em especial minhas orientadoras Professoras Doutoras Maria Eleuda de Carvalho e Andrea M. Lameirão Mateus pela dedicação, pelo profissionalismo e acolhimento dentro da Universidade. Jamais esquecerei dos meus professores!

Gratidão a minha família, a minha mãe Suelma, meu Pai Deusvaldo e minha irmã Nara que sempre me incentivou a não desistir e focar nos meus objetivos. Gratidão pelos professores da minha família, pois, eles são um exemplo e por isso me inspirou a escolher a minha profissão.

Sou imensamente grata ao meu querido marido Romário, que, no início era namorado e tornou-se marido, pela paciência, por compreender meus horários, por me ajudar nos trabalhos, por sempre “puxar minha orelha” para ter uma formação, e estar ao meu lado.

Gratidão à UFT, aos colaboradores que tornam nossa vida acadêmica mais fácil, e gratidão às amigas que fiz dentro da universidade, das quais muitas se tornaram parte da minha família.

## RESUMO

A presente pesquisa mostra a importância do ensino de literatura e do letramento literário no início do século XXI. Ela possui uma proposta de análise de como a literatura vem sendo trabalhada nos âmbitos escolares e vista pela sociedade antiga e contemporânea. O objetivo da pesquisa é avaliar como ocorre esse ensino de literatura, a valorização do professor, e a importância da sua formação para formar leitores competentes. Trata-se de uma análise qualitativa de cunho bibliográfico. Concluímos que ainda é necessário preencher muitas lacunas que existe no ensino de literatura e que a formação do professor é essencial para que os resultados nesse ensino sejam positivos.

**Palavras-chaves:** Letramento Literário, Ensino de Literatura, Formação do Professor

## **ABSTRACT**

This research shows the importance of literature teaching and literary literacy in the 21<sup>th</sup> century classroom. It contains an analysis of how literature is being worked in classrooms and seen throughout ancient and contemporary society. The aim of this research is to evaluate how literature is taught, how the teacher is valorized and the importance of her training to be effective in forming effective readers. It is a qualitative and bibliographical research. We conclude that it is still necessary to fill many gaps that exist in literature teaching and that teacher training is essential for reaching positive results.

**Key-words:** Literary Literacy, Literature Teaching, Teacher Training



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UFT Universidade Federal do Tocantins

PIBID Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>LITERATURA: MERCADORIA DE ÉPOCA MARCADA .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1</b>	<b>Ideologia: o lugar desproporcional ocupado pelos estudos literários no sistema de ensino .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2</b>	<b>O papel da literatura na formação do indivíduo .....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>ENSINO DE LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1</b>	<b>Práticas sociais e o letramento .....</b>	<b>21</b>
<b>3.2</b>	<b>A formação do professor .....</b>	<b>22</b>
<b>3.3</b>	<b>Letramento x alfabetização .....</b>	<b>24</b>
<b>3.4</b>	<b>Práticas escolares.....</b>	<b>25</b>
3.4.1	Produção escrita .....	26
3.4.2	Produção oral .....	26
3.4.3	Trabalho com a leitura .....	27
<b>3.5</b>	<b>As várias dimensões do lúdico .....</b>	<b>28</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE: A POESIA NO ENSINO .....</b>	<b>30</b>
<b>4.1</b>	<b>Poema na sala de aula: trabalhando com a leitura .....</b>	<b>32</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>36</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade pesquisar o ensino de literatura neste início do século XXI. Formar leitores é algo essencial para a sociedade em que vivemos, e o processo dessa formação deve possuir lugar na sala de aula. Para que possamos ensinar é importante compreender o conceito de leitura, não devemos estar presos ao conceito de que saber ler é ler somente livros, e esquecer-se de tudo aquilo que está à nossa volta e que faz parte da nossa formação enquanto leitor.

Para que possamos entender este problema, a pesquisa será formada por apontamentos, tais como o ensino da literatura como leitura, a importância dos formadores de leitores, o papel dos mediadores - sendo eles, os professores, a sociedade, e a escola como instituição.

Ao participar há dois anos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, oferecido para os alunos da universidade, tivemos a oportunidade de acompanhar um professor da rede estadual em suas aulas de literatura. Desse modo, ao observar muitas aulas, despertou-se em mim o interesse de pesquisar o tema aqui apresentado. Várias inquietações surgiram, como, por exemplo, os conceitos e as práticas exercidas na escola e na sociedade sobre o ensino da literatura. A importância de sabermos o que é literatura. Devido não termos documentos concretos dos trabalhos desenvolvidos no programa não citaremos na presente pesquisa.

O objetivo dessa pesquisa é buscar compreender como está se dando o ensino de literatura no século XXI, visando também o papel da sociedade e da escola como mediadores do ensino/aprendizagem. Defender uma concepção ampla de leitura e mostrar como esta prática é importante para a vida dos alunos é um dos objetivos deste trabalho. Assim como de orientação para os que se dedicam em formar leitores, e atualizar a crítica a determinados temas encontrados na educação.

Trata-se de uma análise qualitativa de cunho bibliográfico a partir da obra *Apagando o Quadro Negro, literatura e ensino* de Maria Eloísa Martins Dias e da obra *Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura*, de Daniela B. Versiani, Eliana Yunes e Gilda Carvalho.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, “Literatura: mercadoria de época marcada” nos traz questionamentos sobre a visão da sociedade relacionada ao ensino de literatura desde épocas passadas até na atualidade. O segundo capítulo, “Ensino de literatura e letramento literário”, nos mostra como trabalhar com o ensino

de literatura no âmbito escolar, como as práticas escolares são importantes na formação dos alunos e o capítulo três, “Análise: a poesia no ensino”, que é uma análise do poema “Análise” de Fernando Pessoa, juntamente com apontamentos que direcionará o professor na prática do ensino da poesia na sala de aula.

## 2. LITERATURA: MERCADORIA DE ÉPOCA MARCADA

Quando ouvimos falar em literatura, ou ouvimos falar sobre o professor de literatura, sentimos logo um ar reducionista sobre o assunto. A visão que a sociedade tem sobre a literatura é que o ensino já é muito listado e monótono, fazendo assim dos alunos na sala de aula os maiores atingidos pela crítica. Podemos observar o material bibliográfico usado na escola, o livro didático, os livros de história da literatura, todo esse material traz uma cultura educacional que trata a literatura como uma mercadoria de época marcada, na qual encontramos os diversos períodos literários.

Para trazermos soluções para essa problemática, avaliamos os impactos da visão sobre a literatura para sabermos por onde começar reverter esse quadro. Primeiramente, o que merece ser apontado é a forma de como a literatura é dividida em períodos, a escola literária, movimento ou estilo de época, parece tudo muito sistematizado, a evolução da literatura, a estética, a obediência total para com a obra, a forma representativa da obra, a descrição dos aspectos literários, a autenticação do cânone; toda essa metodologia pode ser considerada monolga ou tradicional, na qual se entende que o profissional é o possuidor de todo conhecimento que deve ser passado.

Podemos ainda refletir sobre as várias tendências no ensino da literatura, seja no ensino fundamental, médio ou superior, que modifica a literatura para algo enfadonho, ou de outro modo algo extremamente lindo. Para evitar esses pensamentos podemos sugerir algumas propostas para essa instabilidade. É evidente que percebemos que há um mito de periodização, dessa forma podemos relacionar um diálogo entre o passado e o presente. De acordo com Dias:

Nas histórias literárias, sobre tudo nas de caráter didático, o passado tem total privilégio e quase exclusividade, cabendo a ele não apenas um maior espaço nos livros que o abordam, portanto, maior representatividade de obras e autores que o confirmam, mas também o valor ser a origem ou o ponto de partida para uma suposta linha evolutiva. (DIAS, 2011, p. 23)

Obviamente que o passado não é o problema em si, porém, a forma que ele é usado para explicar a literatura, como se ela pudesse ser somente compreendida por meio dos preceitos que estão em função do passado, como se fosse consagrada apenas após a morte dos autores. Assim como o presente também pode nos trazer engano pelo fato de que em muitos

livros didáticos este tem sido tratado com pouca consistência, principalmente quando buscamos compará-lo com obras do passado. Dessa forma, vemos que a problemática não está somente na periodização, mas, também no reducionismo e na metodologia que são introduzidos.

Outro aspecto que demarca os períodos literários para introduzir a literatura é o que já havíamos citado anteriormente, é saciá-la a momentos/escolas/estáticas. Em uma época, em que temos tanta abertura para o novo, onde podemos circular em várias culturas, a construção das identidades sociais, é ultrapassado estarmos presos a valores como o nacionalismo, centralidade, monolitismo.

Para Dias é necessário que:

evitando-se esquematismos didáticos pouco sensíveis à densidade do fenômeno literário e de sua amplitude, podemos tentar, ao menos, dois gestos fundamentais para a compreensão da literatura— objeto esquivo a receitas e facilitações: aceitar a instabilidade sincrônica e sincronizar a diacronia. longe de ser um jogo de palavras, tal prática é uma tarefa séria e nada fácil, pois demanda sensibilidade crítico-analítica para ser feita. (DIAS, 2011, p.26)

Podemos analisar as metodologias usadas no ensino de forma eficaz, reproduzir uma forma mais real daquilo que os alunos estão vivendo dentro da sociedade. A literatura é uma obra de arte que será aprendida melhor com o deslocamento da zona de conforto, com as várias hipóteses da imaginação, assim será mais fácil passarmos pelos desafios da prática na educação.

## **2.1 – Ideologia: o lugar desproporcional ocupado pelos estudos literários no Sistema de ensino**

Se a literatura executa um papel tão importante na sociedade global, como podemos mudar a individualidade desse objeto nas buscas mais consistente de uma sociedade governacional? Nós sabemos que a literatura ligada a um sistema institucional, então como mudar esses padrões impostos?

O autor Antônio Candido no livro *Literatura e Sociedade*, afirma nossos questionamentos acima, ele diz:

Do século passado aos nossos dias, este gênero de estudos tem permanecido insatisfatório, ou ao menos incompleto, devido à falta de um sistema coerente de referência, isto é, um conjunto de formulações e conceitos que permitam limitar objetivamente o campo de análise e escapar, tanto quanto possível, ao arbítrio dos pontos de vista. Não espanta, pois, que a aplicação das ciências sociais ao estudo da arte tenha tido consequências frequentemente duvidosas,

propiciando relações difíceis no terreno do método. (CANDIDO, 2006, p.21.)

Nós somos herdeiros de uma ideologia imposta pelos poderes político–institucionais, e com a literatura não é diferente: ela está fechada em um molde instável. Queremos mostrar essa ligação de herança e literatura, como algo precioso que herdamos, algo tão valioso não poderíamos alterar nossas ideias sobre as histórias; as deixando como uma forma ilustrativa.

Muitas vezes a literatura se reduz àquilo que é ensinado nas escolas ou nas universidades, até mesmo pelo olhar da crítica e das pessoas comuns. Sempre temos uma coleção ou um conjunto de livros escolhidos que é repassado para as escolas. Conforme Dias aponta:

A Literatura é algo *dado* (ofertado e ensinado), o que significa dizer que ela é muito mais uma matéria ou produto acabado do que processo ou fazer produtivo, matéria em construção. Muito mais o feito e o dito do que o dizer. Mais a certeza/garantia do documentado do que o risco/incerteza da aventura, seja esta da própria literatura, seja do investigador ou do crítico, assim, a literatura se reduz a um *quadro* em que estão arrumados/emoldurados autores, obras, gêneros, épocas, estéticas... (DIAS, 2011, p. 28).

Como não pensar em sistematização? A literatura só será compreendida quando houver uma organização do Sistema literário, fundamentando-se esse aspecto na criação de projetos curriculares. Dessa forma, existe uma preocupação relacionada a um lugar orgânico que seja capaz de formar diversos elementos em um domínio literário. Daí percebemos uma marcação de limites que esclarece processos na qual se efetua a periodização do sistema literário.

Primeiramente, nesse processo é importante não privilegiar um período específico, na qual todas as outras obras estejam por baixo. Esse conjunto de obras em torno de um período mais privilegiado reproduz um conceito elitista e qualitativo da literatura, acreditando-se que esses momentos impostos reproduzem apenas uma cópia daquele que é considerado como centro. Mouralis, citado por Dias (2011), a esse respeito diz: “trata-se da periodização “clássico-centrista”, presente por muito tempo na crítica, cujo princípio norteador é a noção de progressão rumo a uma perfeição ou ideal que, conseqüentemente, se esvazia ou entra em decadência após certo tempo.”

Em Segundo lugar existe um processo de evolução, de composição da produção literária em vários períodos relacionada a uma unidade óbvia e direta com a tendência de dispersar as obras por séculos. Dias afirma que:

Consequentemente, tal perspectiva acaba por estabelecer algumas dominantes próprias de cada século, com o predomínio de categorias como “precursores”, “tardios” ou “isolados” relacionadas aos autores, postulação a que se acrescenta à da “época literária”. Esse critério acaba por pressupor a “relação necessária entre a obra e a época a que ela se considera pertencer”, como critica o mencionado autor, o que traz um duplo equívoco: o da datas extremas e o da caracterização dos gêneros. (DIAS, 2011, p. 30).

Essa composição nos prende a ver especificamente a época literária em questão, na qual se torna uma suposição que nos força a ver as obras como um agrupamento do momento, as obras também acabam por permitir que sejam arranjadas por um período único. Seja em qualquer situação definir a literatura por períodos torna – se um problema, é o que afirma o autor Ernesto Manuel de Melo e Castro na sua obra *Periodização e trajetos sincrônicos na poesia portuguesa*, “a periodização é uma superestrutura mais ou menos racionalizada que o historiador impõe à fluidez dos fatos e à plasticidade dos acontecimentos percebidos através dos documentos” (CASTRO, 1984, p.69).

Outra característica que podemos abordar é a natureza institucional da literatura, que está relacionada a inferências ideológicas, no que se refere a uma cultura literária, que visa ser repassada somente por um Sistema educacional. No fundamento dessa ideologia, acredita-se que, por trás desses estudos da cultura literária, exista um regulamento que reproduz uma sociedade cultural, que na verdade irá reproduzir aquela sociedade que concorda em usar esse regulamento.

Temos por exemplo os manuais que é muito usado no mundo do ensino da literatura, o espaço entre os manuais e a literatura é vago, o público leitor causa um grande erro quando tentar figurar a literatura somente aos manuais. Figurar é o mesmo de encontrar algo precioso, porém, perfurado, com falta de fragmentos importantes. É tudo muito bem imposto, como a visão política, religiosa, sexual, estética e científica. Como bem apontado por Dias quando afirma:

“é o fato de que o manual não é apenas um conjunto de obras e autores, mas também um discurso sobre a literatura, pois o que figura nesse espaço resulta de uma posição ideológica assentada em pressupostos que não se põem em discussão: a cultura literária é o que deve permanecer, por isso, transmissível de geração a geração, atendendo-se, por isso, a uma “procura etnocentrista e dogmática”.” (DIAS, 2011, p. 32).

Por fim, precisamos apagar essa ideia de que a literatura necessita de caráter lógico, nós podemos transgredir esse modelo institucional, usar da criatividade, aceitar mais do que



aquilo que já está estabelecido e conhecido. Nós temos muito mais em nossas mãos do que um Sistema, como já falado anteriormente é necessário sair da zona de conforto.

## 2.2 O papel da literatura na formação do indivíduo

Este tópico está voltado para elevação do profissional, com um ensino que teria como objetivo tirar o aprisionamento da aprendizagem. Muitas vezes, o saber instituído atrapalha no desenvolvimento intelectual do aluno, e no desenvolvimento profissional do professor.

O que queremos é um ensino como diz Dias (2011), que possa “despertar prazer, provocar sensações inusitadas, investir na infinitude, adensar o vazio, verticalizar o saber à procura dos impossíveis”. Abrir outros leques de aprendizagem dentro do próprio espaço de estudo, sair daquela rotina que já estamos cansados de ver nos programas de ensino de literatura, a presença de tópicos, conteúdos compostos por escolas literárias, períodos, autores, e entre outros.

A relação entre professor e aluno é um outro aspecto importante para formação do indivíduo, e até agora temos lidado com profissionais que possuem uma prática autoritária e extremamente institucional, na qual há uma separação clara de que cada um possui o seu lugar tanto aluno como professor.

Mas será que essa prática é relevante, mesmo no ensino da literatura ou de qualquer outra disciplina? Dias (2011, p. 38) indaga que: “estamos condicionados a desejar receber/saber sempre mais, a não nos desacomodarmos das posições conhecidas e dominadas, a atendermos a demandas impostas, a nos confortarmos com testemunhos (con)sagrados, a esperar pela plenitude etc.”

Com alunos e professores universitários muitas vezes vemos problemas com o mais saber, á uma frustração para com os dois lados quando a expectativa do conhecimento não é alcançada. Dias afirmou, de forma poética, a diferença entre o saber e o conhecimento:

“o saber significa dividir, separar, cortar em dois, sentido que comporta, portanto, a noção de incompletude, de não preenchimento ou plena satisfação. enquanto o saber separa, o conhecimento reúne, mas essa reunião não significa apenas somatório ou presença; ela pressupõe a distância, a falta, a ausência. eis o que deveria estar na mente de todos nós que nos ocupamos do ensino. o saber é autoritário, categórico, impositivo, discriminatório: *eu sei, você não sabe, sua pergunta não faz sentido, você não entendeu o que eu disse*. não seria o medo de colocar diante de tais situações que leva o aluno a se calar, mesmo quando tem inquietações e desejaria indagar ao professor? (DIAS, 2011, p. 38)

E onde o ensino da literatura entra nesse quadro? Quando, por exemplo, o professor que é o dono do “saber mais” escolhe uma obra julgada a mais importante pela crítica, para Coelho, 1979, “permanece o critério do absoluto”. Não é possível que o professor consiga aplicar todas as obras, períodos, então acaba que o conhecimento fica limitado.

Para Dias, a solução seria o que Drummond fala em seu poema “mineração do outro”: “ou seja, em vez do *ouro* esperado, o *outro*; em vez do encontro do objeto precioso ou raro, a busca difícil ou até sem objeto, em que o outro se esconde e resiste ao assédio; em vez da união plena e sufocadora, dispersão e incompletude: “onde avanço, me dou, e o que é sugado/ ao mim de mim, em ecos se desmembra”.”.

O que os versos nos mostram, é que na literatura não existe somente o passar do conhecimento, mas, também, as relações entre as pessoas, muitas vezes a consequência da frustração é aceitar as diferenças de conhecimento entre o que dá e o que recebe. Dias afirma que a frustração não é algo negativo:

A frustração não tem a ver com a insatisfação diante do que se deseja cada vez mais, como se o que contasse fosse um somatório de dados ou de produtos para exibi-los orgulhosamente. não. a frustração corresponde à sensação necessária de quem reconhece a importância do mecanismo que tece a promessa e sua ruptura: “dar sem se dar. ensinar sem se ensinar”. Eis o que interessa na educação. (DIAS, 2011, p. 40.)

Outro aspecto a ser destacado, que está relacionado a essa formação do indivíduo, é a ética da quantidade, as universidades tendem a acreditar que o despreparo profissional dos alunos, futuros docentes, está voltado para falta de tempo, e há alguns erros ao pensarmos dessa forma, por exemplo, geralmente temos uma aula de cinquenta minutos, o professor traz para sala de aula um texto bem logo, por pensar que um texto mais curto seria “ dar menos” como afirma a autora Dias 2011 “acreditando que este *é mais simples e não haveria muito o que dizer sobre ele*”.

Dessa forma, nos parece superficial o trabalho com o texto, um trabalho de quantidade e não de qualidade, pois o pouco pode ser muito. Isto, porém, não é compreendido no ensino de literatura.

### 3. ENSINO DE LITERATURA E LETRAMENTO LITERÁRIO

O letramento abrange um método de uso dos sistemas da escrita nas sociedades, que é o desenvolvimento histórico da escrita resultando em outras mudanças sociais e tecnológicas, como por exemplo, a alfabetização universal, a democratização do ensino, o surgimento da internet e entre outros aspectos tecnológicos.

Para Magda Soares (2009, p.31) o letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sócias.

O uso da língua foi mudando de tempo em tempo, em todo um contexto social, na família, no trabalho, nas redes sócias, no âmbito escolar, e o conceito de letramento vem acompanhando todas essas mudanças, pois não é algo automático. Hoje se espera muito mais do que dominar apenas um código alfabético, espera-se que um indivíduo tenha a capacidade de se comunicar nas variadas esferas da sociedade como também em variadas situações.

Dessa forma, o aprendizado é mais significativo quando os alunos podem conectar o conhecimento à suas atividades cotidianas. Esse aspecto acontece no momento em que as experiências vividas pelo aluno, o seu conhecimento prévio de mundo, é resgatado dentro do âmbito escolar. A escola irá ajudar no desenvolvimento da criança a partir daquilo que ela já conhece, dando oportunidade para falar, ouvir, ler e escrever.

Este capítulo tem por objetivo mostrar as várias implicaturas existentes na educação como no ensino médio e nas series iniciais, voltada para o ensino – aprendizagem dentro do letramento literário.

Como há várias inquietações sobre o assunto, como por exemplo, os conceitos e as práticas exercidas na escola e na sociedade sobre o ensino da literatura. A importância de sabermos o que é literatura. Como a escola e os profissionais da educação lidam com essa prática na sala de aula? Até onde podemos chegar com o ensino da literatura e analisarmos dessa forma que a importância de formar leitores de diferentes linguagens abrange muito mais do que apenas ler livros.

Para usarmos o letramento como método de ensino nos currículos escolares precisamos aderir uma concepção da escrita social, contradizendo assim a visão tradicionalista que apresenta a aprendizagem de leitura e produção textual como a aprendizagem de competências e habilidades individuais. Há uma diferença entre ensinar para os alunos a prática, e ensinar como eles podem desenvolver uma habilidade individual, como

por exemplo, nas escolas a visão dominante da leitura e da escrita como competências, resume-se em atividades de ler e escrever, até que os alunos cheguem em uma competência ideal como leitores e escritores. Porém, os estudos do letramento abrangem, a concepção de leitura e escrita como práticas discursivas, com variadas funções e que não se separam no contexto que está sendo desenvolvido.

Na perspectiva social, não diferenciamos as situações do cotidiano dos alunos com as práticas escolares, é algo coletivo na quais todos possuem ideias e pensamentos diferentes, mas que existe uma cooperação por mais que seus objetivos e interesses sejam distintos dentro da sociedade.

Tanto os professores alfabetizadores, como os da língua materna, devem estar engajados nesse processo pois, nota-se que apesar dos conteúdos serem distintos e em series diferentes o objetivo principal está sendo desempenhado por ambos que é o de utilizar a língua escrita no cotidiano. Orlandi afirma:

A convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais poderiam nos apontar para uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecidas na escola, essas linguagens todas não são alternativas. Elas se articulam. E é essa articulação que deveria ser explorada no ensino da leitura, quando temos como objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno. (ORLANDI, 1999, p. 40)

Durante o dia-a-dia nos deparamos com situações novas que exigem de nós um novo olhar sobre a escrita, e é por meio dos gêneros que conseguimos produzir e apresentar novos textos. Essa experiência é gradual e inédita pois anteriormente, era apenas uma ideia, e provavelmente um modelo a ser seguido. Este processo de fazer textos, refazer e chegar numa determinada conclusão não é somente individual, mas é também social e os gêneros nos proporcionam momentos de participarmos dessas possíveis atividades letradas que ainda não havíamos oportunidade de participar.

A escola dever ser um espaço aonde os alunos desfrutem de experiências mais desafiadoras como a de ter liberdade de fazer e refazer textos, participar das práticas sociais e usar a capacidade de se reinventar e desempenhar as práticas de letramentos já ensinadas até então. É no âmbito escolar que devem ser criados esses espaços onde novos saberes serão desenvolvidos.

O objetivo do letramento como ensino é que os alunos comecem a usar as atividades diárias não só para desenvolver competências e habilidades individuais, mas para abordar o contexto social usando o senso crítico ao desenvolver um texto, uma redação ou participar de

práticas discursivas por exemplo. Isso exige a unificação dessas características para que um evento de letramento não se diferencie de outras situações da vida social.

A prática social é o eixo de início desse trabalho e por ser de suma importância requer que os professores usem os conteúdos como um princípio organizador de atividades curriculares não somente como algo monótono como vem se pregando nas escolas no ensino tradicional. Sempre haverá oportunidade para os professores enfatizarem os conteúdos, portanto é necessário que os mesmos compreendam que em todo evento de letramento é a prática social que antecede o conteúdo e não de outro modo.

Quando os professores compreendem eles passam a questionar de outra forma quais os conteúdos ou textos são mais relevantes para os alunos visando a comunidade ou sociedade que o mesmo é engajado. Notamos que quando isso ocorre, há uma maior familiarização dos alunos com a matéria pois, o fato de aprenderem não está somente ligado às concordâncias, às palavras ou à ortografia, mas também a partir de outros elementos que constituem esse processo de ensino-aprendizagem.

Toda atividade precisa ter um eixo estruturante para que durante os ciclos do ensino os professores tenham bom êxito na execução do seu trabalho e os alunos melhor desempenho ao realizar as atividades propostas. O professor precisa estar preparado, ter em mente o conteúdo para ser um guia seguro porque ele é a base onde os seus alunos quando houver dúvidas e questionamentos irão recorrer.

É necessário que os diversos saberes sejam estimulados nas práticas de letramento. A prática social deve propiciar o ensino de gênero, pois é o seu conhecimento que abrirá as portas para participação de eventos em diversas instituições e assim efetivar atividades com autenticidade.

Assim, os professores que aderirem à prática social como método de ensino, terão a tarefa de explicar quais as práticas mais cabíveis para aplicar na sala de aula pois deve-se ter em mente a cultura, rotina e a classe em que os seus alunos vivenciam. Nota-se a complexibilidade em aderir tais programas pois já há uma tática dominante em que o currículo deve se basear.

Outro fator é que essa prática deve se atentar as novas mudanças na ortografia e aos avanços tecnológicos, para usá-los como instrumentos benéficos para ampliar o conhecimento e enriquecer a escrita tendo como reflexo a ação do dia-a-dia do homem comum. Esses textos do cotidiano tendem a ter mais importância quando utilizados como recursos pedagógicos, para aumentar a confiança do aluno quanto a sua capacidade de ler e escrever.

Os textos tem uma grande relevância na vida dos alunos, sejam quais forem, contudo, os textos que eles conseguem produzir baseados nas experiências do cotidiano, e podem ser mais significativos pois são esses os fatos que ocorrem mais próximo da sua realidade motivo que muitas vezes leva a praticarem mais a escrita mesmo que limitadas as funções são muito útil na vida social tornando-a um dos aspectos mais importantes para seleção de um novo currículo.

Outro aspecto relevante é a ampliação de textos de modo que incluam diversos gêneros principalmente no lar e na escola. Ambos domínios precisam proporcionar os meios para que os alunos se desenvolvam tendo o mesmo objetivo que é o de aprender usando as práticas distintas a seu favor seja na sala de aula ou em casa.

### **3.1 Práticas sociais e o letramento**

Os planejamentos de como iremos usar os gêneros textuais dentro da sala de aula é essencial para o desenvolvimento dos alunos nas práticas sócias, pois, assim quando eles tiverem em determinadas situações do seu cotidiano, saberá qual gênero discursivo usar. Nós vivenciamos diferentes momentos na nossa vida, sejam elas formais ou informais o importante é podermos ajudá-los a como se comunicar em cada situação, e não está preso somente em um gênero.

De acordo com Kleiman:

A escolha do gênero como conteúdo relevante para o ensino não significa que o gênero deva constituir-se no elemento estruturante das práticas sociais mobilizadas no projeto, sob o risco de reduzir o objeto de ensino e o trabalho escolar aos seus aspectos formais e analíticos. (KLEIMAN, 2005, p. 14).

As visões da escrita e do letramento supõem que as pessoas e os grupos são diversos e que as diferentes atividades entre essas pessoas são realizadas de modo variados. Essas diferenças não combinam com a aula tradicionalista, na qual o professor se dirige apenas a “um” interessado, representante de uma turma com vários alunos, com um ciclo que se repete ao decorrer do bimestre e do semestre e assim por diante.

Já para o trabalho com o letramento é necessário o uso de diversos recursos e conhecimento por parte dos alunos, quando envolvemos, por exemplo, alguma meta de vida daqueles participantes para desenvolver uma atividade em sala de aula, teremos uma participação significativa, várias oportunidades de aprendizagem aparecerão, pois, cada um é diferente do outro. O papel do professor é muito importante como mediador, cabe a ele usar

os aspectos que fazem parte do seu planejamento quantas vezes preciso para que os alunos alcancem autonomia no determinado conteúdo. Kleiman afirma:

como todo agente social, o agente de letramento desenvolve ações fundamentais no conhecimento, na descoberta de que saberes, técnicas, estratégias, tradições e representações sobre a escrita o outro (o aluno e sua família) mobiliza no dia-a-dia para realizar a atividade. (...) O agente de letramento consegue, por meio de sua liderança, articular novas ações, mobilizando o aluno para fazer que não é imediatamente aplicável ou funcional, mas que é socialmente relevante, aquilo que vale a pena ser aprendido para que o aluno seja plenamente inserido na sociedade letrada. (KLEIMAN, 2005, p. 52)

Por mais que a escola planeje atividades com temas importantes é interessante pensar nessas atividades como projetos de letramento, visando, por exemplo, o letramento do aluno. Esse projeto resume-se num grupo de atividades que tem origem aos interesses reais do cotidiano e da vida de cada aluno, e para realização é necessário o uso da escrita, da leitura de objetos que realmente circulam na sociedade e que serão lidos e avaliados pelo professor, cada um de acordo com sua realidade social.

### **3.2 A formação do professor**

O papel do professor muda quando falamos de ensino da alfabetização e da língua materna que envolve a prática social. Uma perspectiva social bem contextualizada traz ao professor uma independência no planejamento e na escolha dos recursos didáticos. Quando o professor escolhe, trabalhar com projetos, ele passa a escolher mais as questões relativas à seleção dos conteúdos que serão aplicados.

Dentro desse contexto, o professor é quem vai decidir quais os conteúdos devem ou não ser usados na sala de aula, que terão mais relevâncias na vida do aluno. Mesmo que os conteúdos não estão tendo importância para os alunos no atual momento é necessário aplicação pois deve-se ser ensinado.

Para que ocorra uma mudança desta realidade é também necessário que haja uma mudança na formação dos professores dentro das universidades tendo como finalidade a de abrir um espaço aonde ocorra a efetivação de “desideologização” da leitura e da escrita. Para nos distanciarmos dessa crença é primordial estarmos abertos a novas ideias e aceitar viver com as diversidades que se encontra dentro desse campo.

O professor tem o privilégio, e também a missão, de planejar as atividades para um público de diferentes práticas letradas na sala de aula, é um processo que envolve tempo e

preparação para que consiga engajar esses alunos em práticas letradas das instituições de prestígio.

Os alunos têm bagagens culturais diferentes por isso há necessidade de compreendermos que é necessária uma diversificação na produção das atividades e nas táticas de ensino que serão aplicadas em sala de aula para que todos compreendam o que está sendo ensinado. Como aponta Coelho:

Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, onde se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, onde se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a literatura (ou com a Arte em geral) os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma atividade. (COELHO, 1991, p. 25)

O professor precisa reconhecer que existe esse diferente nível educacional em um único ambiente que é a sala de aula, e mais importante do que reconhecer é aceitar, e se submeter a continuar buscando conhecimento para acompanhar esses alunos e as transformações que tratam de sua disciplina para ensiná-las de modo eficaz.

Os projetos de letramento tendem a ter esse objetivo de fornecer aos professores um meio para prepará-los para as novas tarefas que irão exercer, para melhor orientar as suas turmas, por isso serão muitos os desafios que encontram e encontrarão ao tentar desempenhar esse papel.

A responsabilidade do mediador é decisiva, pois, ele deve ser como um encantador, alguém que convida o outro a descobrir um universo mágico, de possibilidades infinitas. Esse convite não pode ser uma dura convocação, nem uma imposição: tem de ser um chamado. Gestos simples, como o deixar um livro ao alcance da criança; contar uma história ou falar com entusiasmo de um livro que lemos são atitudes que fazem a diferença. (YUNES, VERSIANI E CARVALHO, 2012, p. 41)

Esses projetos visam a formação de um professor para atuar como um agente de letramento que desenvolva suas habilidades e tenham criatividade para saber qual a melhor forma de interagir com os seus alunos e fazer da sala de aula um local propício para troca de experiências e crescimento intelectual.

É essa atitude do professor para com os alunos que irá determinar como os alunos irão agir ao receber novos conteúdos, são esses agentes que irão também motivá-los a trabalharem em grupo e reconhecerem seu potencial como aluno seja individual ou coletivamente.



O agente de letramento traça uma estratégia de como irá desenvolver esse papel, as transformações que irá fazer, os métodos que irá aplicar, a forma como irá organizar o seu planejamento e como irá lidar os com demais agentes, que também serão contribuidores fundamentais neste processo.

Para formar leitores, o professor deve ser completamente letrado, e, além disso, ter conhecimentos suficientes para trabalhar como um verdadeiro educador social também conhecido como agente social. O agente social precisa descobrir se cada conteúdo vai ter alguma função na vida do aluno e quais as funções da língua escrita. É um trabalho de politização, porém, não deixa de ser didático-pedagógico.

Kleiman afirma:

como todo agente social, o agente de letramento desenvolve ações fundamentais no conhecimento, na descoberta de que saberes, técnicas, estratégias, tradições e representações sobre a escrita o outro (o aluno e sua família) mobiliza no dia-a-dia para realizar a atividade. (...) O agente de letramento consegue, por meio de sua liderança, articular novas ações, mobilizando o aluno para fazer que não é imediatamente aplicável ou funcional, mas que é socialmente relevante, aquilo que vale a pena ser aprendido para que o aluno seja plenamente inserido na sociedade letrada. (KLEIMAN, 2005, p. 52)

Esse agente não necessita saber todos os aspectos da língua escrita, sobre a linguagem ortográfica, as regras das práticas sociais, pois quando estão engajados nas práticas de letramento, estão engajados numa prática colaborativa, na qual todos tem algo para contribuir e aprender. O professor deve procurar conhecer os seus alunos, para promover as capacidades e recursos para os seus alunos.

A pesquisa do educador pode envolver atividades para conhecer os seus alunos, por meio de suas diferentes produções textuais, pesquisar a forma que eles veem a sociedade, determinados assuntos, a descrição familiar e assim ter em mente a importância de atividades bem planejadas no período de alfabetização e letramento.

É preciso visar a necessidade de cada aluno, conhecer as habilidades individuais. Quase todas as atividades nessa fase devem ter caráter lúdico, não é preciso trabalhar com regras rígidas, tornando-se assim crianças-leitoras. Deve ser traçado um caminho de letramento, ou seja, querer realmente formar um leitor competente.

### **3.3 Letramento x Alfabetização**

Letramento e alfabetização não são a mesma coisa, mas estão totalmente entrelaçadas, diremos aqui que a alfabetização é umas das práticas de letramento que faz parte do grupo de práticas sociais que possui a utilização da escrita da corporação escolar. A alfabetização é uma prática. E é essencial para alunos das séries iniciais, como toda prática envolve diversas formas de ensino – aprendizagem, como por exemplo, o sistema alfabético e suas regras, os materiais pedagógicos sendo, quadro-de-giz, ilustrações, livros didáticos, filmes, músicas etc.

A alfabetização acontece de forma muito automática, são situações que acontecem dentro da sala de aula por um mediador no caso o professor que repassa para os alunos as regras de funcionamento do uso do alfabeto. Ambos possuem uma relação social: o professor de organizar, avaliar e os alunos de realizar as atividades e de responder as propostas do professor.

A definição de alfabetização também está relacionada a um grupo de saberes, que faz com que um indivíduo participe de atividades sociais, daí se dizer se a pessoa é “analfabeto”, “semi-analfabeto”, “semi-alfabetizado”, que define em qual grau de aprendizado aquele indivíduo se apresenta. Relaciona-se também no processo de aquisição das letras do alfabeto, e de como as crianças desenvolve sequencias cognitiva e estratégias.

De acordo com Kleiman:

quando dizemos que uma criança está sendo alfabetizada, estamos nos referindo ao processo que envolve o engajamento físico-motor, mental e emocional da criança num conjunto de atividades de todo tipo, que têm por objetivo a aprendizagem do sistema da língua escrita. (KLEIMAN, 2005, p. 14)

Em qualquer aspecto, a alfabetização está ligada no letramento. Ela é essencial para que uma criança seja considerada letrado, porém, não é suficiente, a alfabetização tem por finalidade o domínio do sistema alfabético e ortográfico, o que diferencia do letramento, na qual o indivíduo aprende apenas em olhar o outro fazendo. A alfabetização, conseqüentemente, possui características específicas distintas do letramento, porém, faz parte, e é muito importante como prática escolar, todas as crianças, pessoas necessitam ser alfabetizadas para fazerem parte das atividades de letramento das diferentes instituições.

### **3.4 Práticas escolares**

As práticas de letramento escolares têm por objetivo o desenvolvimento de habilidades e competências do aluno. O exercício do letramento dentro da sala de aula está estruturado em três aspectos da aprendizagem: a produção escrita, produção oral, trabalho com a leitura.

### 3.4.1 Produção escrita

Na produção escrita, é necessário que o aluno esteja cercado de vários procedimentos, é interessante que o autor no caso as crianças assumam distintos papéis. O educador repassa as condições na qual a produção ocorre: o que o aluno deve dizer, para quem e para que, assim trabalhando a forma que eles irão dizer. É nesse momento que as crianças irão aprender a estrutura simples do texto como a finalidade do texto, suas características do gênero e assim planejar para executar a produção.

Com essa proposta os alunos terão a oportunidade de planejar, escrever, revisar e reescrever os seus textos. O professor é de grande importância para o momento da reescrita, juntamente com os alunos deve haver uma busca para melhorar o texto quantas vezes seja necessário.

A escrita pressupõe também, um desenvolvimento motor que é essencial para o crescimento infantil. Pode trabalhar a coordenação fina, que irá ajudar na precisão dos traços, na forma de segurar o lápis ou a caneta, bom esquema corporal e boa coordenação óculo-manual. Nessa fase a inibição voluntária é importante que é a capacidade de parar gestos no momento em que se quer ou precisa, a criança começa a agir por si próprio.

O trabalho com a reescrita é essencial para o *desenvolvimento* motor da criança, é um meio que mobiliza os vários segmentos do corpo e é a forma principal de verificar a escrita delas, assim como também os ditados, as redações e as produções livres. Ainda beneficia no mecanismo de memorização, a cópia deve ser praticada diariamente no ensino da escrita e da leitura. Nós sabemos que por meio desses processos estaremos formando crianças com um senso crítico e leitura de mundo, elas estarão prontas para viver numa sociedade que avança cada vez mais.

### 3.4.2 Produção oral

As práticas de produção oral estão envolvidas com as competências linguísticas, considerando que a fala acontece entre indivíduos que expressam as suas intenções. Mesmo na oralidade é preciso haver coerência. A língua oral é organizada e possui suas próprias características:

- na oralidade existem repetições, hesitações, correção imediata, entre outros recursos para organizar o texto;

- o discurso oral é resultado da cooperação entre os interlocutores;
- a fala sofrerá variação não só em decorrência do gênero discursivo, mas também em função da situação em que ela acontece;
- a produção oral ocorre com a presença dos interlocutores que contam com um tempo muito pequeno para organizar perfeitamente e as suas ideias e selecionar a estrutura de seus textos. (CHANOSKI-GUSSO; FINAU, 2002, p. 11)

As práticas de oralidade devem estar voltadas para atividades de escuta e de fala, para que os alunos exercitem as regras, Veridiana Almeida (2013, p. 41) fala que existem situação interativa da fala como, por exemplo: saber ouvir, respeitar o posicionamento do outro, mostrar polidez, saber analisar e interferir, selecionar informações para registrar, etc. Dessa forma, a crianças irão aprendendo as diferentes produções orais, as formas de expressões facial, a velocidade da voz, os gestos vão ensinando para elas em que momento pode ser usado as regras, seja em situações formais como informais.

### **3.4.3 Trabalho com a leitura**

A leitura é muito mais do que um indivíduo decifrar sinais ou símbolos, como as palavras e as letras. O verdadeiro leitor é aquele que lê e compreende o que está lendo, e que interpreta também, pois nós sabemos que existem crianças que conhecem as letras, porém, não sabem ler. Primeiramente, as crianças diferenciam as letras impressas e notam que cada código possui o seu som. Elas vão usando suas habilidades pessoais para aprimorar-se cada vez mais na leitura.

Os professores devem estimular os alunos a escrever e a ler na escola. A autora Veridiana Almeida, (2013, p. 72), afirma que se o aluno lê os seus próprios textos, além de textos de outras fontes, ele terá mais intimidade com a leitura e irá fazer desse recurso um meio íntimo de construir conhecimento.

A leitura da literatura, textos de ficção ou não, revistas, jornais, imagens, textos que circulam na sociedade, é uma contribuição para o aprendizado dos alunos dentro da escola. A escola deve usar essas leituras para que as crianças desenvolvam o raciocínio, o senso crítico, a compreensão do real, a politização, curiosidade intelectuais e entre outros. O professor tem um papel primordial de ajudar os alunos nesse processo, é o educador que tem a competência, que irá passar as habilidades e que compreende a complexidade do ato de ler.

### 3.5 As várias dimensões do lúdico

O lúdico é muito falado na educação, particularmente na educação infantil, mas muitas vezes ele não é compreendido como deve ser dentro das suas diferentes aplicações pedagógicas. Nós sabemos que jogar e brincar são atividades essenciais para o desenvolvimento das crianças, isso é um fato que deve fazer parte do conhecimento de mundo de todos nós como indivíduo. É nas brincadeiras e nos jogos que aprendemos a respeitar regras, por exemplo, a jogar dentro de padrões estabelecidos, a fazer estratégias, fazer planejamentos e agir de forma que produzem efeitos cognitivos.

Não se pode separar o lúdico do ensino. Então, se muitas vezes não compreendemos o sentido do lúdico, o que é ele exatamente? Os autores Nair Azevedo e Mauro Betti (2004) definem como:

Em síntese, entendemos a ludicidade como uma atitude (uma predisposição para a ação), um ambiente que permite a realização das dimensões de prazer e divertimento do jogo e da brincadeira, bem como a própria ação que pode, retrospectivamente, ser reconhecida como experiência lúdica, por meio da reflexão e da verbalização de quem a vivenciou. (AZEVEDO; BETTI, 2004, p. 261)

Das várias dimensões do lúdico que podem nos ajudar no ensino, a dimensão filosófica nos ajuda a compreender a necessidade que todo ser humano tem de jogar, porque é tão essencial na vida humana. Temos a dimensão cultural, na qual podemos estudar os tipos de jogos e brincadeiras exercidos por determinados grupos culturais por exemplo, as brincadeiras de rua, brincadeiras indígenas, cada cultura possui sua forma de brincar e é importante que a escola saiba passar para os alunos essas diferenças.

A dimensão cognitiva do lúdico é uma das mais utilizadas dentro da pedagogia, as atividades lúdicas realizadas são usadas diretamente como uma metodologia no auxílio da aprendizagem dos alunos, principalmente nos anos iniciais. Mas não podemos somente usar essas atividades lúdicas para ensinar a matemática, português, ciências, pois pode trazer o empobrecimento nas aulas, e até mesmo privar as crianças de ampliar seus conhecimentos culturais.

A dimensão pedagógica também é importante na fase das séries iniciais, os jogos e as brincadeiras são voltados para aprendizagem dos alunos. Os jogos e as brincadeiras devem auxiliar nesse aprendizado, porém, como falamos anteriormente, devemos tomar cuidado em trabalhar somente com o lúdico. As aulas devem ser bem planejadas, visando ensinar para as

crianças todas as dimensões, as culturas diferentes, a socialização do respeito pelo outro e entre outras coisas.

De acordo com Nair Azevedo e Mauro Betti (2014), as experiências vividas por meio do jogo atingem várias esferas da nossa vida. Assim eles afirmam:

[...] o lúdico é de natureza social, cultural e histórica, sendo carregado de significados que variam de acordo com as vivências ocorridas nas dimensões espaço temporal e histórico-social. Portanto, o termo “lúdico” é muito mais do que uma atividade em si, mas uma experiência significativa que se dá mediante a articulação de diversos conteúdos culturais. (AZEVEDO & BETTI, 2014, p. 261)

É importante lembrar que uma dimensão precisa da outra no ensino-aprendizagem, o ato de jogar e brincar e a forma como compreendemos esses atos é essencial para o desenvolvimento de uma criança, jovem, adulto ou idoso. A ludicidade não deve ser somente uma motivação da aprendizagem, mas sim, uma via de aprendizagem tanto para o professor quanto para o aluno.

#### 4 ANÁLISE: A POESIA NO ENSINO

A poesia pode ser trabalhada de várias formas na sala de aula. Alguns professores preferem a forma tradicional de leitura, a declamação por exemplo, outros já usam a tecnologia atual, as projeções dos textos, poesia digital, entre outros. Porém, o mais importante que queremos ressaltar é como podemos trazer a poesia para nossa realidade.

Aquela ideia de trazer o romantismo por meio da poesia, querer despertar sentimentos e emoções não é algo que chama muita atenção dos leitores hoje em dia, apesar de que ainda existem pessoas que cultivam a poesia supondo que irá atingir essas essências, o que vemos no século XXI é que nossos leitores possuem outra perspectiva. Existe o lírico na poesia, e existem outros tipos de poesia, que não se restringe à poesia do “eu”, mais popularmente tida por sentimental. Há poéticas narrativas, satíricas, sacras; há um vasto universo literário que se expressa na forma de poemas.

A autora Maria Cristina Ribas no artigo “Poesia no século XXI: modos de ser, modos de ver”, expõe alguns pensamentos sobre a poesia do século XXI e também sobre os leitores contemporâneos. Ribas afirma:

Ora, sabemos que, se olharmos para a poesia do século XXI, confortavelmente instalados nas concepções clássicas e românticas que envolvem o gênero, estaremos insistindo na manutenção dos paradigmas com que lemos toda essa produção poética anterior. Se, enquanto estudiosos, não deslizarmos da zona de conforto, a consequência imediata será excluir, da rubrica ‘poesia’, as composições poéticas contemporâneas que estão fora destes paradigmas. E também se, ao invés de nos determos em historicizar os modos de composição poética e nos contentarmos em analisar alguns poemas contemporâneos, buscarmos entender as formas de relação entre as palavras e as coisas e as concepções que presidem a estas relações, talvez possamos olhar, com olhos mais livres, para a contemporânea expressão do mundo. (RIBAS, 2013, p. 42).

É claro que nesta visão contemporânea, é preciso analisar muitos paradigmas. Primeiramente, como o uso da linguagem na poesia tende a ser obscuro, ou seja, de difícil compreensão, muitas vezes quando apresentamos um poema para a turma, até mesmo quando temos o primeiro contato já fazemos um pré-julgamento daquela linguagem, mas, o que na verdade precisamos ter é uma empatia no contato com o texto poético, deixar que a curiosidade fale mais alto, e que algo que pareça muito difícil se torne atraente para ser examinado.

A poesia é algo que nos desafia o tempo todo, ela é muito mais do que uma matéria, ela nos interroga e nos ajuda a enxergar aquilo que está implícito em sua linguagem. Como propõe o autor Michel Foucault ao dizer que

A partir do século XIX, a literatura repõe à luz a linguagem do seu ser: não, porém, tal como ela aparecia no final do Renascimento. Porque agora não há mais aquela palavra primeira, absolutamente inicial, pela qual se achava fundado e limitado o movimento infinito do discurso; doravante a linguagem vai crescer sem começo, sem termo e sem promessa. O percurso desse espaço vai e fundamental que traça, dia a dia, o texto da literatura. (FOUCAULT, 1981, p. 60).

Dessa forma, cabe a nós educadores saber como introduzir, aplicar para nossos alunos o texto. Para compor a nossa análise, trazemos aqui o poema “Análise” de Fernando Pessoa, embora não seja um poema contemporâneo ele dialoga com o contemporâneo, assim torna-se um convite ao leitor, tanto o interior do texto como o exterior possuem um jogo dramático que o torna mais interessante. É proposto que esse poema seja trabalhado com a alunos de ensino médio ou universitários.

“Análise”, foi escrito em dezembro de 1911, publicado pela primeira vez na biografia de João Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa* – história de uma geração e logo após recebeu um lugar em *Cancioneiro* (1942), na qual não é certamente um livro, mas, uma reunião de poemas heterogêneos. Recuperemos aqui o poema.

#### ANÁLISE

Tão abstracta é a ideia do teu ser  
 Que me vem de te olhar, que, ao entreter  
 Os meus olhos nos teus, perco-os de vista,  
 E nada fica em meu olhar, e dista  
 Teu corpo do meu ver tão longemente,  
 E a ideia do teu ser fica tão rente  
 Ao meu pensar olhar-te, e ao saber-me  
 Sabendo que tu és, que, só por ter-me  
 Consciente de ti, nem a mim sinto.  
 E assim, neste ignorar-me a ver-te, minto  
 A ilusão da sensação, e sonho,  
 Não te vendo, nem vendo, nem sabendo  
 Que te vejo, ou sequer que sou, risonho  
 Do interior crepúsculo tristonho  
 Em que sinto que sonho o que me sinto sendo.  
 Do sonho e pouco da vida.  
 (Pessoa, 1965: 106-107)

O poema está formado em apenas uma estrofe, na qual nos mostra uma forma indefinida, possuindo um padrão métrico de (decassílabos heroicos, com variação para o sáfico e para o martelo agalopado), no seu último verso, sendo alexandrino, destacamos o



poema por 14 versos + 1. Relacionado as suas rimas, temos rimas emparelhadas, duas a duas, até o décimo, (AA, BB, CC, DD, EE) a partir do décimo primeiro muda para FGFFG.

No entanto, na análise feita por Caio Gagliardi no artigo, Fernando Pessoa: “O Cientista de Depois de Amanhã”, se o último verso for excluído, podemos ver o poema de outra forma sendo ela “AABB, CCDD, EEF, GFF”, mudando o poema para dois quartetos e dois tercetos, excluindo o último verso. O autor nos questiona, será um novo final para o poema? “Será improvável que Pessoa tenha chegado a compor um soneto antes de nos ter legado os quinze versos de Análise?” (p. 86).

Primeiramente ao ler “Análise”, o que sentimos é que se trata de um poema de amor quando voltamos lá para os primeiros versos “Tão abstrata é a ideia do teu ser/ Que vem de te olhar, / que, ao entreter / Os meus olhos nos teus, perco-os de vista”. Ao observarmos percebemos que há um “eu” que se direciona a “outro”, ao nosso olhar pode ser interpretado como uma ‘mulher amada’. O que não está explícito pois, não há no poema um sujeito definido.

No poema o desejo pelo outro torna-se algo que não é concreto, transformando o “outro” sem realidade física. Como Gagliardi afirma, “Consciente do outro, deixa de sentir a si mesmo. Assim como o “tu” é convertido em ideia do “eu”, o próprio “eu” passa ser objeto de si mesmo, fundido ao “tu” como abstração”, p.87. Em “Análise” não temos os sujeitos a mulher nem o “eu enamorado”, pensando por este lado, podemos ter outra perspectiva um poema sobre a impossibilidade do amor.

Para Caio Gagliardi, analisando os pensamentos e sentimentos de Pessoa no poema:

Todo poema de amor é uma idealização. Aquele que um dia definiu o amor, sentimento tão contrário a si, “como o fogo que arde sem se ver” não experimentava, no ato de composição dos seus versos heroicos, o arrebatamento desse sentimento em seu estado puro. Pelo contrário ele distancia-se dele. Pessoa previa que as sensações deveriam ser intelectualizadas para que pudessem ser transfiguradas literalmente. Através da abstração do sentimento, ele pode ser formalizado num poema e alcançar êxito estético. Fingir a dor que deves sente é, possivelmente, a declaração mais exata sobre o ofício do poeta. (GAGLIARDI, 2010, p. 89)

#### **4.1 Poema na sala de aula: trabalhando com a leitura**

O trabalho com o poema na sala de aula, como texto a ser lido, debatido, analisado, vivido, requer que um professor esteja sempre atualizado, referente às produções líricas principalmente, além de um conhecimento mínimo da poesia universal, conhecimento teórica

para ter um bom embasamento, que lhe permita desenvolver um trabalho de boa qualidade, respeitando a natureza dos textos.

É preciso que o professor tenha disposição de inovação, pois, estamos em um mundo informatizado e globalizado, e é interessante formar diálogos entre o poema e outras linguagens. O autor William Cereja fala da importância do professor no letramento de seus alunos:

Independente da forma como o professor conduz e desenvolve o projeto de leitura na escola em que atua (se por meio de provas, e debates, de trabalhos criativos, etc.), é relevante o papel que ele desempenha como orientador de leitura e como formador de leitores e do gosto literário. (CEREJA, 2005, p. 23).

O poema, como já citado, exige leitores mais maduros, que possam perceber no texto as imagens, os efeitos sonoros, metáforas, os simbolismos e entre outros. Ainda na atualidade podemos ver algumas lacunas nas práticas de leitura no âmbito escolar, e assim o poema acaba perdendo todo seu potencial como um texto sedutor. O documento oficial PCN+, por exemplo, visa um conceito de fruição na prática:

Desfrute (fruição): trata-se do aproveitamento satisfatório e prazeroso de obras literárias, musicais ou artísticas, de modo geral bens culturais construídos pelas diferentes linguagens, depreendendo delas seu valor estético. Aprender a representação simbólica das experiências humanas resulta da fruição dos bens culturais. Podem propiciar aos alunos momentos voluntários para que leiam coletivamente uma obra literária, assistam a um filme, leiam poemas de sua autoria – de preferência fora do ambiente de sala de aula: no pátio, na sala de vídeo, na biblioteca, no parque. (2002, p. 67).

Essa problemática, do poema na sala de aula, está relacionada a dois aspectos importantes: a formação do professor como aquele que vai mediar a leitura e a formação dos alunos como leitores, portanto, é necessário que haja um planejamento prático que compreenda as demandas e estratégias de leitura relacionada a poemas. Armando Gens afirma:

Para os tempos atuais, um planejamento deve propor articulações, diálogos, encontros, debates e convivências entre o popular e o culto, entre o midiático e o folclore, entre as obras canônicas e as ditas marginais, entre as obras do passado e as produzidas na contemporaneidade, entre a literatura e as demais modalidades da arte. Deve, também, abrir espaços para acolher as diferenças de gosto e de estética e as implicações das cenas gráficas e computacionais em espaço literário. (GENS, 2009, p. 73).

É claro que na leitura de poemas é importante que haja uma sensibilidade e prazer pela linguagem literária e a capacidade de ponderar sobre o mundo. O poema é um gênero que possui um poder expressivo muito forte, portanto precisa de abordagens bem sustentadas teoricamente e aberto para novas críticas em todo momento de discursão, fazer diálogos com outras línguas, nacionalidades ou até mesmo temas comuns, torna um planejamento rico para prática na sala de aula.

Voltando para o poema, a forma de como “Análise” pode ser lido, de acordo com Gagliardi “podemos destacar dois movimentos, destacado pelo ponto final do nono verso, onde podemos encontrar as rimas (into, onho, endo, em oposição a er, ista, er, me, da primeira parte).” p. 91. Essas rimas estão ligadas a segunda parte do poema, na qual o “eu” se torna obscuro, em oposição as palavras, “olhar”, “vista”, “ver”, “longemente” e “corpo” que dialoga com a primeira parte. A ideia do claro e do escuro faz marcação das duas partes do poema.

No 11º verso (A ilusão da sensação, e sonho), podemos encontrar uma nova rima no poema: FGFFG. Vemos um outro padrão que fica diferente do rítmico heroico por exemplo por causa das pausas na quarta e na oitava sílabas métricas. Os outros versos podem ser lidos de acordo com a pontuação do poema, quanto maior o ritmo, obedecendo os compassos melhor a compreensão do texto e estética.

A partir da palavra “sonho” vemos uma outra sonoridade rítmica, a quantidade de vírgulas aumentam, os versos 12 e 13 pode ser lido em martelo agalapado, que é um ritmo fortemente marcado, com as tônicas na terceira, sexta e décima sílaba. No verso final “Em que sinto que sonho o que me sinto sonho” para Gagliardi, “é o verso mais sonoro entre eles, de uma fluidez melancólica provocada pelas aliterações das sibilantes e das nasais”, p. 92. Esse alexandrino pode ter sido feito com um desenvolvimento de reversibilidade trazendo a palavra sonho como um espelho: “eu sou (eu sonho), logo eu finjo” // “eu finjo (eu sonho) logo eu sou”. “esse verso - espelhado, por tanto – apresenta – nos um sujeito transformado e abismo, um abismo aberto por dentro, de fundo desconhecido entre os extremos do sentir e do pensar” (ibidem).

Seria interessante fazer um trabalho na sala de aula com esses dois movimentos, os alunos estarão aprendendo diversas formas de leitura do poema, aprenderam a olhar o texto de várias formas e usar a criatividade observando a pontuação, a sonoridades das palavras, as partes melancólicas, e outras mais fortes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou mostrar a importância do letramento, que é uma forma de análise para possíveis melhoras no ensino-aprendizagem do ensino. Vale lembrar que cada pessoa tem o seu papel como aluno e professor, o exercício desse papel é crucial para formação de cidadãos mais ativos na sociedade.

O trabalho com letramento pode trazer muitos benefícios em auxiliar os educadores e educandos a desenvolverem habilidades e capacidades, é uma forma mais libertadora de ensino que ajuda principalmente as crianças e jovens a terem uma leitura de mundo mais ampla, a ter o senso crítico de tudo que veem ao seu redor, a tornar aquilo que elas aprendem fora da escola um meio de aprendizado dentro da escola.

Esse trabalho requer também um professor bem formado, analítico e crítico, que não dependa somente dos livros didáticos e que tenha criatividade em planejar suas aulas e preocupação com cada indivíduo, trazendo sentido para a vida dos estudantes. Os vários tópicos durante o corpo do trabalho, obtêm ideias e reflexões para tornar o ensino mais eficaz, as atividades realizadas por meio da leitura, e da escrita irá ajudar nossos educandos a crescer fazendo a diferença nas muitas áreas que serão exigidas delas em várias fases, profissional, familiar e social.

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, puderam ser identificadas algumas possibilidades de melhoria e de continuação a partir de futuras pesquisas, as quais incluem: uma parceria concreta da universidade com a escola que traga um novo papel da história literária no ensino médio, uma pesquisa que mostre a importância da contribuição das universidades para que as mudanças necessárias possam acontecer nas rotinas escolares.

Para finalizar, acreditamos que o professor deve sempre buscar experiências significativas para seus alunos, é por meio de análises e práticas pedagógicas que compreenderemos nosso trabalho como educador e iremos enriquecê-lo, que tenhamos essa consciência para assim formamos verdadeiros leitores, não somente de livros, mas de mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Veridiana. **Alfabetização – fundamentos, processos e métodos**. Editora: Fael, 2013.
- AZEVEDO, Nair Correia Salgado; BETTI, Mauro. Eseda de tempo integral e lucidade: os pontos de vista de alunos do 1º ano do ensino fundamental. IN: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.95, n.240, p. 255 – 27, maio/ago.2014.
- BRASIL, PCN+. Ensino médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Vol. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Secretaria de educação média e tecnologia. Brasília: mec; SEMTEC. 2002. 104p.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª edição. Rio de Janeiro: ed. Ouro sobre azul,2006.
- COELHO, E. P. **A letra litoral**. Lisboa: Moraes, 1979.
- COELHO, Nely Novaes. **Panorama histórico de literatura infantil e juvenil**. 4ª ed. São Paulo: ática, 1991.
- CEREJA, William Roberto. **Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com a literatura**. São Paulo: atual, 2005.
- DIAS, Maria Heloísa Martins. **Apagando o quadro negro: literatura e ensino**. São Paulo: Unesp, 2011.
- FINAU. R. A; CHANOSKI – GUSSO, A. M. **Língua Portuguesa: rumo ao letramento, 7ª série: língua portuguesa**. Curitiba: Base, 2002. 240p.
- FOUCAUTT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 19981.
- GAGLIARDI, Caio. **Fernando Pessoa: o cientista de depois de manhã**. Agália. Revista de Estudos na Cultura, nº 101, p. 83 – 98, 2010.
- GENS, Armando. Formação de professores de literatura brasileira: conservação e desvio. IN: **Gomes Carlos. (org). Língua e literatura: proposta de ensino**. São Cristovão: Editora: UFS, 2009, p. 65- 80
- KLEIMAN, Angela, B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar ler e escrever?** Cefiel/ IEL/ Unicamp, 2005 – 2010
- ORLANDI, Eni Puleinelli. **Discurso e leitura**. 4ª ed. Campinas: Cortez, 1999.
- RAMALHO, Christina Bielinski Ramalho. IN: **Revista da Anpoll, nº 101**, p 83 – 98, 2010.
- RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Poesia no século XXI: modos de ser, modos de ver. IN: **Revista contexto**. Rio de Janeiro, p. 39 – 74, 2013/1
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.